



# O G TEXTIL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

## UNIDADE E ACCÃO

### base principal para a conquista DO AUMENTO DE SALÁRIOS

A classe operária têxtil, como classe numerosa que é e que conta no seu activo com uma larga experiência adquirida nas mais variadas lutas em defesa dos seus interesses, sabe que para a conquista das nossas reivindicações não é suficiente desejar-se que estas sejam atendidas mas que haja UNIDADE E ACCÃO para que possamos forçar os patrões e o Governo a atenderem-nos. É o caso da necessidade da obtenção do aumento de salários. Se é certo que em várias terras a classe está a lutar de forma corajosa e unida, muitas outras terras e empresas há em que os nossos companheiros não passaram ainda do desejo formulado individualmente de que os salários devem ser aumentados. Isto, a pesar de mostrar qual o sentir da classe, só por si é muito pouco. É que para se obter a satisfação de qualquer reivindicação, como a de aumento de salários, não basta pedir ou dar a conhecer a nossa aflicta situação. Os patrões e o Governo, que é quem os protege, sabem muito bem, por exemplo, que 11 empresas, no seu saldo confessado, ganharam tanto como 35.500 operários têxteis; sabem que temos um salário de miséria fixado por lei e que muitos de nós estamos em regime de semana reduzida; sabem quantas empresas têm encerrado principalmente nestes últimos 6 anos e quantos têxteis foram lançados no descampado; sabem-nos igualmente que o custo de vida não tem parado de subir e os nossos salários estão desde há muito ultrapassados, que somos milhões e ela mais pequena coisa e que o C.C.T. em muitas empresas não é cumprido.

Os patrões e o Governo não só sabem disto como procuram ainda agravar mais a nossa situação, uma vez que o seu objectivo é aumentar os seus lucros. Como capitalistas que se importam apenas em encher mais o sacco, uma das formas que sempre têm utilizado e continuarão a utilizar, aqui e em todos os países, é jogar mãos de aumento da exploração aos trabalhadores como fonte de receita. De acordo com isto têm o Governo de Salazar que os defende, que procura criar Contratos Colectivos de Trabalho sem salários e condições de trabalho de miséria, que tenta impedir que os salários subam mas que facilita o aumento do custo da vida, ao mesmo tempo que procura amarrar a classe operária ao tirar-nos as nossas mais elementares liberdades como o de Associação, de Imprensa, de Reunião, de Direito à greve, etc.

Porém, apesar da acção do Governo e patrões contra os interesses da classe operária, esta tem em suas mãos a arma mais poderosa, a UNIDADE de ACCÃO.

Ainda recentemente, foi a unidade que possibilitou a grande vitória dos pescadores da praia de Matosinhos ao conquistarem significativamente aumento de salários, assim como nos estivadores e operários da Carris do Porto e de tantas outras classes e empresas que, de Norte a Sul, têm obtido aumentos parciais de salários. Foi mesmo a UNIDADE que tornou possível os pescadores jogarem mãos numa forma de luta desde há muito proibida por Salazar,

(continua na 2.ª pág.ª)

## CONTRA A EXPLORAÇÃO

### Luta vitoriosa na firma Alberty Pimenta Machado, GUIMARÃES

No dia 25 de Julho os operários têxteis desta empresa, unidos e firmes na defesa dos seus interesses obtiveram uma bela vitória em luta com a entidade patronal. Nesta firma, o patrão tendo comprado uma remessa de canelões alemães próprios para teares automáticos resolveu adaptá-los a outras máquinas. Para isso os canelões foram à serralharia, brocados e pontos de servir nos canelões dos teares antigos. Desta operação resultou tornarem-se os canelões de tal modo frágeis que facilmente partiam com o bater dos lançadores. Assim em escassos dois meses partiram-se cerca de 300 canelões. Alarmado, o patrão não hesitou em cair sobre as responsabilidades para cima dos operários e isso até para justificar as suas pretensões o que fizesse eles a pagar o prejuízo das canelões partidas. Para isso fez o controle dos teares onde o facto se deu e anunciou uma multa de 28550 aos respectivos operários. Para o seu pagamento estabeleceu três prestações mensais - 10500, 10500 e 8550 - a descontar nas faturas. Desta forma ao dia 25 os operários viram os seus já tão meigos salários descontados de mais 10500, dinheiro que descoraçadamente o patrão lhes roubava. O clima de desconhecimento que se vinha formando desde o dia 23, data em que começou a história dos canelões, estalou então. Na tecelagem muitos operários não quiseram receber a fatura e num belo exemplo de unidade toda a firma após o trabalho se concentrou em frente à gerência reclamando a presença do escritório que cobardemente se nega a aparecer aos seus operários enquanto que adverte os empregados superiores que não constam que nenhum operário suba a escadaria que conduz à gerência. Os operários porém não se intimidam, não cedem, invadem o escritório reclamando sempre a reparação da multa que continua a furar-se lhes até ao que, aprovado com o resto das coisas possuem tomar, ordenou para que fossem restituídos aos operários as quantias descontadas nas faturas. Era o fim da luta com a vitória dos operários da empresa.

COMPANHEIROS, vós deveis saber que o vosso patrão vos promete repedições mas se a elas vós responderdes com a unidade e a firmeza ao dia 25 poddes estar certos que saíreis sempre vitoriosos.

O «TÊXTIL» ao apoiar a vossa luta solidária e exacta vos cada vez mais a uma acção unida, persistente e audaz em defesa dos interesses da nossa classe.

— Luta na empresa ANTONIO MACHADOS, Guimarães.

Na empresa António Malheiros o patrão  
(continua na 3.ª pág.ª)

## AUXÍLIO AO «TÊXTIL»

Seguindo a publicação de duas tabelas recebidas ultimamente:

Grupo de trabalhadores Liberdade 35.000  
Libertação da Península Ibérica 5.000

Soma . . . . . 40.000

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁG.ª)

estivadores de Leixões e Douro durante perto de 3 meses.

Também a classe têxtil, tem forças mais que suficientes para conquistar reivindicações tão importantes como o aumento de salários e do cumprimento, por parte dos patrões, do Contrato C. de Trabalho.

Hoje, que no País quase todas as classes trabalhadoras se encontram em luta por aumento de salários, a classe têxtil, aliando à sua força numérica e experiência obtida em numerosas pequenas e grandes acções a experiência de várias classes que saíram vitoriosas, tem condições para forçar a saída do aumento de salários. Para isto é preciso mais unidade. Unidade não só em pensamento, dado que todos estamos de acordo em que os salários devem ser aumentados e o C.C.T. cumprido, mas UNIDADE de ACCÃO organizada.

Se olharmos para as lutas da nossa classe e mesmo para as que estão em curso neste momento, verificamos que onde forjamos a unidade de acção a classe luta e está em melhores condições de se defender.

Para forjarmos a unidade, tem um papel importante as Comissões de operários, formadas à base dos companheiros e companheiras dedicadas à defesa dos interesses da classe. São estas comissões, em que devem ter um papel destacado as mulheres — tendo em conta que na nossa classe e maior número são mulheters —, que é preciso que em todas as empresas e em todas as terras, sejam formadas.

Quer se trate do aumento de salários ou outro problema, nós sabemos que não há nenhuma empresa em que não tenhamos reivindicações a fazer. Assim, as comissões, que tanto podem ser eleitas pelos companheiros e companheiras nas suas empresas ou no sindicato, são órgãos de unidade que esclatecem e aglutinam à sua volta os operários das suas empresas para as acompanhar nas demonstrações que fazem quer junto do patrão ou do Sindicato.

Mesmo nas terras onde têm sido feitas demarches junto do Sindicato para reivindicar aumento e existem Comissões, quer se trate do Sul, Porto, Serra da Estrela ou Minho, para que a nossa luta seja coroada do melhor êxito num prazo curto e nos tenhamos defendido da depressão do Governo que tem por objectivo infligir

## A CRISE NA INDÚSTRIA TÊXTEL

Na indústria têxtil ouve-se de há muito e frequentemente falar em crise. Ela existe de facto. No despedimento massivo dos operários, no encerramento das empresas, na diminuição dos dias de trabalho, nos crescentes sintomas de exploração, sente-se todo um estado agudo da crise que aflige cerca de meio milhão de pessoas — (operários e demais elementos dos seus agregados familiares). E onde reside a verdadeira responsabilidade deste estado de crise? Todas as crises industriais têm a razão da sua existência na política económica que em relação a essas indústrias é adoptada.

Durante a última guerra mundial as indústrias têxteis viram abrir-se à sua frente amplas possibilidades de lucro e atiraram-se a um ritmo desenfreado de trabalho. Subiu a produção, os lucros também e só não foram maiores porque maior não foi a produção, facto que se explica pelo atraso técnico da indústria. Porém, com o fim da guerra, portanto dentro de novas condições de concorrência, havia que possibilitar à indústria o acompanhamento dessas mesmas condições. O seu aperfeiçoamento técnico, a criação dum mercado interno largo, a estimulação e melhoramento da cultura do algodão ultramarino, eram medidas, que um governo suficientemente interessado no progresso económico nacional, procuraria forçosamente adoptar.

Acontece que o governo de Salazar não procede assim. Quando, com o fim da guerra, os industriais constatariam que não podiam competir no mercado externo e que o interno não lhes adequaria uma laboração regular e animada pela experiência do lucro durante as hostilidades, procuraram obter do governo medidas que lhes permitissem condições de concorrência no mercado externo — renovação de toda uma maquinaria antiquada. Cêmo respondeu Salazar? Abandonando-nos e dividindo-nos, só torna necessário formar mais Comissões.

Se cada operário e operária têxtil mal combativo der passo para que não haja uma única empresa que não tenha a sua Comissão, não haverá força alguma que nos possa impedir de conquistar o aumento de salários que pedimos, faremos cumprir o Contrato Colectivo e ainda forcaremos o Governo a tomar medidas para sustar a crise.

medidas que só permitiriam novas condições técnicas aos industriais, que, por terem já um lugar cimeiro na indústria, tinham também possibilidades económicas de satisfazerem os requisitos financeiros das medidas governamentais. Isto é, o governo de Salazar agiu como regime monopolista, favorecendo a criação de monopólios, gerando a crise, interesse imediato dos próprios monopolistas, que com ela mais se desenvolveram ao lado da agonia lenta dos pequenos industriais.

Toda a política de Salazar é precisamente orientada nesse sentido. Não existe um mercado interno forte porque Salazar não está interessado em dar ao Povo as condições de vida que o poderiam erlar, mas sim à custa do próprio Povo proteger o grande capital. Por outro lado o desenvolvimento da cultura do algodão ultramarino que se verificou durante o período da guerra e que foi dirigido pelos grandes industriais, que disso tinham necessidade em virtude das dificuldades de abastecimento de matéria prima nos mercados estrangeiros, não se pode dizer, que posteriormente viesse a constituir uma cultura servindo os interesses da economia nacional. As medidas de protecção que o governo lhe concede, são-no essencialmente para proteger os altos interesses financeiros que aí estão ligados. Dentro deste mesmo critério de protecção aos monopólios e com sérios reflexos na crise, está o processo de pagamento feito pelo Banco de Angola nos exportadores. Sobre o valor da exportação efectiva o Banco um primeiro pagamento de 30 por cento, procedendo ao restante pagamento em prestações de 10 por cento. Este processo, que chega a levar 3 e 4 anos para pagar o valor dum exportação, permite ainda, que à volta dele, se proceda muitas vezes à especulação. Evidentemente qué leto faz o estrangulamento dos pequenos industriais cuja situação económica não lhes permite suportar tal processo de pagamento dum entidade que detem o monopólio de todas as transacções comerciais com aquélla colónia.

Recentemente levantaram-se vozes descontentes na A. Nacional. A crise da indústria foi posta em foco pelo deputado eng.º Carvalho. Que teria

(continua na 3.ª pág.ª)

(CONTINUAÇÃO DA 2.ª PÁG.ª)

levado este senhor a essa posição? Aparentemente a crise em que tanta gente fala, mas no fundo outras razões poderiam ter ditado a sua intervenção. A crise é uma verdade e é também verdade que o eng.º Carvalho é genro do Sr. Delfino Ferreira, conhecido magnata da indústria. E ainda verdade, que ultimamente os próprios grandes industriais foram afectados com a baixa nos preços do algodão estrangeiro e que se verificou inesperadamente em princípios deste ano. Passou a existir um desnível em relação aos preços do algodão ultramarino, respectivamente para as rammas altas e baixas, de cerca de 3 a 4500 e 6 a 8300 por Kg. Esta oscillação no preço da matéria prima estrangeira pôs os próprios grandes industriais em situações desvantajosas no que diz respeito à colocação do seu artigo no estrangeiro, ao atendermos a que uma das medidas de protecção ao capitalismo produtor do algodão ultramarino era o consumo obrigatório, por parte da indústria metropolitana, de pelo menos 5.000 toneladas de rammas baixas.

Está fora de dúvida que este acontecimento veio dar mais um empurrão à crise têxtil. Agora, porém, o mal batia à porta dos cofres dos grandes industriais. Se a política económica adoptada em relação à matéria prima ultramarina estivesse virada de facto para os interesses nacionais, porque não estar ela em condições de competir no mercado com o preço da matéria prima estrangeira? Só não está porque o governo não é o defensor dos interesses nacionais mas sim dos grandes interesses particulares de meia dúzia de tabarões. Por outro lado, se as nossas relações comerciais não estivessem enfiadas nos interesses do capitalismo norte-americano as próprias perspectivas do mercado externo seriam muito mais amplas. Assim, como procedem o governo? Os interesses do capitalismo produtor do algodão ultramarino reclamam a inviolabilidade no preço, os grandes industriais, berram em nome da crise e o governo cria, por decreto-lei publicado na imprensa diária de 26-6-59 o FUNDO DA ESTABILIZAÇÃO DO ALGODÃO. Com este Fundo ficam salvaguardados os interesses dos produtores do algodão, no mercado interno o seu preço mantém-se e no externo o Fundo cobrirá os prejuízos provenientes pelas diferenças de pre-

## A classe operária

para que vós, os do minho classe, fiquem sabendo como os nossos patrões ganham o dinheiro arrancado a nós, vou contar-vos o que tive ocasião de ouvir de quem assistiu a banquetes dos nossos patrões.

Em 5. Torcato houve grande festa na casa do Sr. Alberto Fimenta Machado. Muita música, ranchos felicitários, fogos de artifício e Sr. Governador Civil, Sr. Arcebispo de Braga etc. Comes e bebes à falta a ponto dos filhos do Sr. Industrial andarem aos chutos à lagosta que custa à volta de 120\$00 o Kg. Tudo isto te passou e os operários desse industrial nem o cheiro sentiram dessa bofetada. Passados alguns meses a festa repetiu-se em casa dum irmão do Sr. Fimenta Machado, em Covas. De novo os convidados, a música, os ranchos, fogos, fogo etc. O banquete foi servido por uma casa de especialidade do Porto. Mais adiante, em Lousada, na fábrica de a Batauro a nova festa.

Os senhores industriais para satisfazerem os seus prazeres sugam nos nós ao osso. Seremos sempre espectadores escravizados enquanto não nos unirmos, exigimos que os nossos patrões antes de fazerem festas que são insultos à escassa miséria nos deem um salário compensador do nosso esforço. Unidos daremos um exemplo a todos os operários e o mundo livre será dos trabalhadores e não dos nossos exploradores.

## UM OPERÁRIO VIMARANENSE

ços. Em relação aos industriais estes serão reembiolados pelo Fundo do valor referente às diferenças dos preços de concorrência das rammas no mercado externo em relação às quantidades de rammas ultramarinas incorporadas nos tecidos de exportação. Tudo isto posto em linguagem mais clara quer dizer, que tanto o algodão como o tecido nacional, passarão a ser vendidos no estrangeiro a uma tabela inferior àquela com que serão vendidos no nosso próprio país. Salazar pensa que não basta que não sejam criadas condições para um amplo alargamento do mercado interno por meio dum aumento do poder de compra das classes trabalhadoras, como é ainda à custa dessas próprias classes e de todo o Povo português que o governo irá obter o subsídio a conceder aos industriais exportadores.

Porque é que os «stocks» ammontam? Se a população nacional e ultramarina não está devidamente abastecida há todas as condições de se criar um mercado interno onde a indústria nacional encontraria uma base sólida de consumo. Os «stocks» só ammontam porque o Povo não compra e há dificuldades de exportação. Mas em primeiro lugar se o Povo não compra há que principiar por aí a solução. Está é, porém, a solução que Salazar não quer e publicamente declarou que os salários não podem ser aumentados.

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PÁG.ª)

ordenou que os operários passassem a trabalhar com 3 máquinas ganhando apenas um salário referente a uma — 22\$50.

Tendo-lhe, entretanto, chegado os avisos que os operários começaram a falar em deixar de trabalhar com os três teares, fez saber que quem assim procedesse seria despedido.

No dia 18 deste mês, dia de féria, os operários revoltados com um salário que não dava para nada, estando eles a trabalharem com 3 máquinas, dispuseram a resolverem abandonar o patrão. Nesse sentido cerca de 30 operários arrolaram no caso da seguinte tendência: ele recusado a aparecer e na segunda feira seguinte proibiu a entrada na fábrica dum grupo de operários que ao dizer deles eram os que o tinham procurado para lhe baterem. Os operários protestaram, a comissão não abandonou o patrão enquanto que falavam também em fazer uma exposição ao Ministro e em ir ao Sindicato.

Em face desta attitude firme dos operários o patrão decidiu em abrir os portões da empresa e em relação aos três teares apresentou a um tear. Os trabalhadores com eles passariam a receber uma féria correspondente à produção da máquina e meia. Os operários iludidos com a promessa acceitaram.

No sábado seguinte, dia 25, folhas apenas e como de costume paga uma féria referente a um tear.

COMPANHÉROS, o vosso patrão cede perante a vossa firmeza, mas também sabe do mesmo modo aproveitar a vossa ingenuidade em relação às promessas. É ou não verdade que vos fechou o portão, que vos paga o sangue explorado, vossas misérias e não cedeis às suas promessas. A união faz a força. Por isso vos aconselhamos a que vos unis e pela vossa unidade obrigues o patrão a pagar-vos o justo valor do vosso trabalho.

## APÉLO AOS TÊXTEIS

Se queris Paz e trabalho  
E as nossas Liberdades conquistar,  
Escreve por toda a parte:  
**VAI-TE EMBORA SALAZAR!**

Um explorado

Salazar não resolverá jamais a crise da indústria têxtil porque na base do seu aparelho governamental estão interesses particulares que colidem com os interesses nacionais. Evidentemente que à luz do dia os fascistas se esforçam por apresentar esses interesses particulares como se fossem interesses nacionais. Em nome do interesse nacional falou o Eng.º Carvalho na A. Nacional e em nome também de interesse nacional foi criado o Fundo da Estabilização do Algodão.

Dá a luta da classe têxtil como verdadeira e fundamental vítima que é da crise poderá, agrupando a sua volta os pequenos e médios industriais, rebrigar um regime completamente voltado para os altos interesses do capitalismo nacional e estrangeiro, a adoptar as medidas que podem sustar a crise.

## INFORMAÇÕES DAS EMPRESAS

**GUIMARÃES:** — Na firma « Alberto Pimenta Machado » os operários estão a ser constantemente sobrecarregados com muitas disparidades a fim de lhes diminuírem o rendimento. Se um operário numa semana consegue tirar uma férias maior, logo na semana seguinte o patrão lhe baixa o preço da obra, baixando-lhe por consequente a férias.

— Na fábrica do « Cavalinho » os operários estão a trabalhar 2 a 3 dias por semana.

— Na fábrica de acabamentos « Xavier, Lda » que tem anexo a indústria de plásticos, como os salários para esta última são superiores nos do têxtil, o patrão dividiu os seus operários em dois turnos, trabalhando cada um 3 dias por semana. Com este ritmo de trabalho os operários não conseguem executar todos os acabamentos pelo que o patrão os manda executar fora da empresa e a preços mais baixos.

**PEVIDÉM:** — Na empresa dos « Corretas », quando da visita do Tomás a Guimarães os patrões obrigaram os operários a irem à manifestação em transportes que facultaram.

— Nesta empresa os guarda-portões ganham 2000 por cada oito horas de trabalho. Com este salário não conseguem atingir o vencimento mensal superior a 600000 o que lhes daria um Abono da casa dos 60000, perante isto os guarda-portões depois de fazerem as suas contas foram em conjunto pedir um aumento diário de 500, com o qual e nos meses em que recebessem 5 férias (cerca de 3 vezes por ano) atingiriam o ordenado que lhes daria direito ao Abono de 60000. A esta justa e insignificante reivindicação respondeu a entidade patronal com as habituais e estafadas evasivas.

— Na firma « Jesus Barroso » o patrão antes de empregar uma operária, sobretudo se se trata de uma operária jovem, faz a estas propostas desonestas.

— Na firma « Empresa Industrial de Pevidém » uma operária que tinha direito a receber o subsídio de parto abortou o patrão nesse sentido. A resposta dele, aliás hábito já antigo, foi — trabalho ou dinheiro.

— Na firma « Altino da Cunha Guimarães » além dos operários não receberam o Abono porque segundo diz a fiscalização o patrão não desconta, nem por isso os operários deixam de ver os seus magros salários diminuídos dos descontos habituais.

— Um operário desta firma que precisava de ser operado à garganta não o faz porque a Caixa diz que não paga operações. O sub-delegado de saúde interrogado sobre este assunto teria comentado: — A Caixa não serve para nada.

**RIBA D'AVE:** — Na firma « Oliveira Ferreira » as operárias arremeteiras que tiram um vencimento diário de cerca de 35000 são postas frequentemente, por ausência de teias para arremeter, a trabalhar por conta da casa com um salário diário de 17000.

— Na firma « Sampaio Ferreira » há operários a trabalharem com 14 teares.

**SERZEDELO:** — Na firma « Hilário Marques Rodrigues » os operários a trabalharem com 2 teares ganham 22550. Houve ocasiões em que trabalhando os 6 dias por semana apenas recebiam 5. As regalias dos operários não só não são satisfeitas como ainda são utilizados após o horário de trabalho a executarem trabalhos particulares do patrão.

— Na firma « Abílio José Pimenta » as parturientes são chamadas no escritório e si dão-lhes a escolher dois pacotes em dinheiro, um com 200000 e outro com 600000. As operárias pegam geralmente no de 200000 e se não o fizem, isto é, pegarem no outro, são despedidas.

— Na firma « Manuel Fernandes » uma operária que exigiu o pagamento do subsídio (do parto) foi posta a trabalhar apenas 3 dias por semana e depois suspensa sem qualquer motivo.

**LISBOA:** — Os operários da fábrica « Simões », de Benfica, enviaram ao Sindicato uma exposição com pério de 300 assinaturas a pedir aumento de salário.

**ALCOBACA:** — Cerca de 50 operários têxteis foram ao Sindicato pedir que os salários sejam aumentados.

**SERRA DA ESTRELA:** — Em Tortozendo e Covilhã os têxteis têm continuado a ir ao Sindicato pedir que seja o novo C.C.T. com o aumento pedido pela classe e ao mesmo tempo exigir eleições no Sindicato.

**PORTO:** — Numa exposição da classe para pedir aumento de salários e outras reivindicações, estão recolhidas para cima de 700 assinaturas.

**COMPANHEIROS de Guimarães, Pevidém, Riba d' Ave, Serzedelo, Lisboa, Alcobaca, Serra da Estrela e Porto;** todos nós sabemos que os patrões sempre têm procurado explorar-nos ao máximo. Só o não fazem se nós nos unirmos e reivindicamos o cumprimento dos nossos direitos.

## Ajudemos a libertar Álvaro Cunhal

Alguns dos nossos companheiros não sabem quem é Álvaro Cunhal. Advogado, nasceu em Coimbra, em 10 de Novembro de 1913. Seu pai, Dr. Aveiro Cunha, é advogado, pintor e escritor.

Destacado democrata e anti-salazarista este homem calou-se, desde 1956, a sua vida e a sua invulgar inteligência ao serviço da causa dos operários. Por isso, e pelo seu amor à pátria, ele foi perseguido e preso. Terminou o cumprimento da pena de 11 anos de prisão, em que foi condenado, no dia 24 de Janeiro de 1957.

Álvaro Cunhal não pode ver-se condenado a prisão perpétua, dizem os seus milhares de amigos em Portugal e no estrangeiro. A rádio e a imprensa dos países livres têm ajudado bastante os anti-salazaristas na luta pela libertação de Álvaro Cunhal.

Mas somos nós, portugueses, que temos que agir com mais intensidade para libertar Álvaro Cunhal — injusta e ilegalmente preso.

Assinar o apêlo para o sua libertação lançado por mais de 90 individualidades — receber milhares de assinaturas para o amilhação aos presos políticos; escrever neste sentido cartas às autoridades civis e eclesásticas e utilizar outras formas no nosso alcance — são deveres que se impõem a todos nós, operários têxteis, porque como operários e patriotas sabemos que Portugal será um país sem presos políticos, onde haja liberdade para todos defenderem as suas ideias e os interesses do povo.

Esperamos, confiantemente, no próximo número do «novo jornal, dizer à classe a que fizemos e é possível fazer pela libertação de Álvaro Cunhal e de todos os presos e perseguidos políticos.

## Por um salário mais justo

Comaradas de Tortozendo, Covilhã e todos os centros da indústria têxtil. Hoje, mais do que nunca, precisamos de estar unidos e lutar contra o nosso lado na defesa dos direitos que nos assistem.

As forças do governo salazarista continuam sempre com o fim de beneficiar os grandes monopólios e vejar os honrados trabalhadores.

Como é do conhecimento geral, estamos há doze anos sujeitos a um CONTRATO C.T. por demais desactualizado e que, portanto, não garante um salário de fome e insubstancial.

No intuito de reprimir a nossa justa pensão nos ocêllos de Salazar, há elaboração dum CONTRATO «fantoche» do qual têm feito propaganda idêntica à dos «Construções Económicas de Previdência». Por isso, não se desviarem a direcção do F.N.L. a fim de dificultar e adiar a aprovação do CONTRATO.

Recentemente foi nomeado para presidir a este organismo o conhecido capitão José Loureiro de Moura e Sousa que sabemos tudo continuará a fazer para que no resto da vida o trabalhador se não apegue ao sinal da fome.

Estamos portanto, todos atentos e unidos, prontos a apresentar ao nosso sindicato a dizer: «A Basta de Salazar».

Só assim, unidos e agindo em nome de todos e a sua classe teremos força suficiente para alcançar um governo que não enganamos e oprime. Um pouco mais de 25% — o pão justo que não bem merecemos e mais nos falta.

UM OPERÁRIO